

# Um museu de muitas vocações

Acervo diversificado, com obras-primas modernistas e experimentações contemporâneas, norteia as ações do MAC

**Maria Hirszman**

O Museu de Arte Contemporânea (MAC) está de casa nova. Acaba de inaugurar sua sede no Parque do Ibirapuera, onde ocupará o prédio de 35 mil metros quadrados de área que no passado sediou o Detran e que foi totalmente reformado para transformar-se em espaço expositivo. A instituição tem diante de si o desafio de ocupar e dinamizar esse espaço nobre, sem esquecer que continua sendo antes de tudo um museu universitário, cuja principal missão é estimular a pesquisa e reflexão sobre a arte moderna e contemporânea brasileira, tendo por eixo central seu valioso acervo, de cerca de 10 mil obras. O núcleo de excelência dessa coleção são as pinturas e esculturas doadas à Universidade de São Paulo (USP) em 1963 por Ciccillo Matarazzo, provenientes do Museu de Arte Moderna (MAM) e da coleção particular do mecenas, às quais se somam uma série de aquisições e doações acumuladas ao longo de meio século de existência.

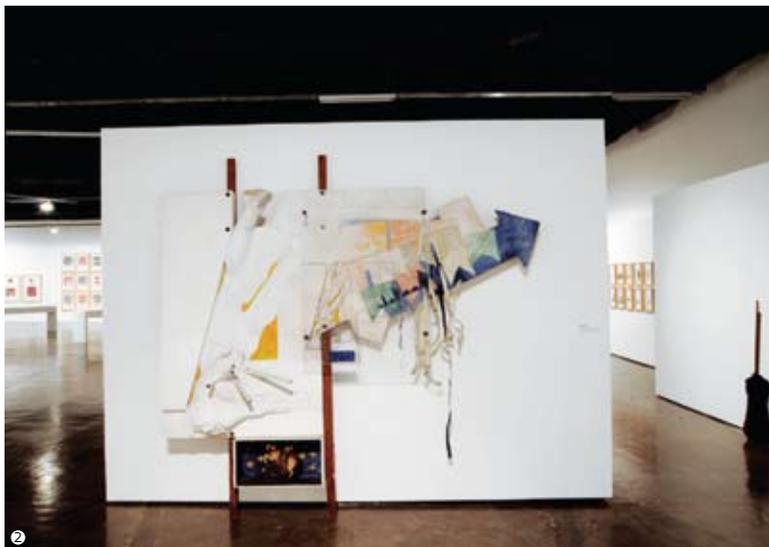
É a partir desse conjunto amplo e diverso de trabalhos que todas as ações do MAC são pensadas, diferenciando-se assim do modelo cada vez mais arraigado no país de oferecer um cardápio diversificado de exposições, adquiridas como pacotes fechados no circuito internacional das artes com o objetivo de atrair cada vez mais público e patrocínio. “Um museu de arte contemporânea, como é o MAC-USP, deve ter como baliza histórico-crítica o seu próprio acervo. Será ele que ajudará a dar a dimensão histórica às obras que venham a ser exibidas em seus espaços”, afirma o diretor da instituição, Tadeu Chiarelli, ao descrever o partido adotado para o museu em sua gestão.

Nessa nova fase, de ocupação paulatina da nova sede, todas as exposições programadas seguirão esse princípio. A primeira delas, *O tridimensional no acervo do MAC: uma antologia*, já foi inaugurada em janeiro e reúne um recorte de 18 obras do acervo. Em meados deste ano, cada uma das cinco



curadoras do museu proporá uma leitura expositiva da obra de artistas representativos do acervo: Rafael Costa será revisto por Helouise Costa; a mostra consagrada a Julio Plaza terá curadoria de Cristina Freire; Carmen Aranha se debruçará sobre a produção de Leon Ferrari; Ana Magalhães e Kátia Canton desenvolvem mostras sobre a obra de José Antonio da Silva e Di Cavalcanti, respectivamente. Outras exposições, de cunho coletivo ou enfatizando a obra de autores específicos (como Carlito Carvalhosa e Mauro Restifffé) serão pouco a pouco abertas, ampliando significativamente a ocupação do novo espaço e a presença do MAC no circuito expositivo paulistano.

Segundo Chiarelli, é evidente que o MAC também tem interesse em aumentar seu número de visitantes, mas não necessita ter uma preocupação obsessiva com a quantidade de público, já que não depende de verbas de patrocinadores para sobreviver. “Isso faz com que possamos nos dedicar com mais afinco à qualidade da experiên-



1. Detalhe da mostra educativa *Escultura aventura*, apresentada na sede do museu na Cidade Universitária

2. *São Sebastião (Marighela)*, obra de Sergio Ferro (1969/1970), foi destaque da mostra *Um dia terá que ter terminado*, do ciclo de exposições sobre a arte durante o período militar

3. Panorama da exposição *Modernismos no Brasil*, em cartaz no espaço que o MAC ocupa no terceiro andar da Bienal

cia do público ao visitar o museu”, acrescenta. No caso do MAC, portanto, trabalho educativo não se restringe a orientar ou fornecer subsídios pontuais aos visitantes, e a ênfase no acervo vai muito além da questão da programação expositiva. Aspectos distintos, relacionados ao ensino e à pesquisa, pautam também a complexa vida organizacional e os vários projetos desenvolvidos pela equipe curatorial.

Como explica Ana Gonçalves Magalhães, “as atividades de docência, pesquisa e curadoria estão e devem ser integradas, o que significa que, talvez, a primeira forma de extroversão da pesquisa se dá com a formação de profissionais nas áreas afins ao museu”. Formação esta que tem caráter interdisciplinar e envolve em diversos momentos outras unidades afins. Cada curadora desenvolve projetos de amplo fôlego, com o apoio de instituições de fomento, como a FAPESP. Ana Magalhães, por exemplo, vem trabalhando na atualização do catálogo do museu e reavaliando algumas obras a partir de estudos científicos desenvolvidos em parceria com Instituto de Física da USP. Kátia Canton, a mais antiga curadora-docente do MAC, se dedica desde meados dos anos 1990 a acompa-

nar a jovem produção contemporânea e sua relação com a produção que a antecede. Essa pesquisa, intitulada *Heranças contemporâneas*, já rendeu uma série de exposições e publicações. Cristina Freire se dedica a estudar a arte conceitual; Carmen Aranha trabalha com a mediação entre arte e público; e Helouise Costa dedica-se com mais afinco ao campo da fotografia.

Além das linhas de pesquisa específicas, a equipe também desenvolve alguns projetos de caráter coletivo e com grande capacidade multiplicadora. Exemplos disso são o ciclo de mostras sobre a arte brasileira no período militar, desenvolvido em parceria com Ana Magalhães, Cristina Freire e Helouise Costa – duas das três mostras já foram realizadas e uma terceira está em preparação – e o evento *MAC em obras*, em cartaz na sede do Ibirapuera. A iniciativa congregou diferentes aspectos de funcionamento do museu, servindo quase como uma síntese metafórica de suas diferentes vocações. Por meio da exposição de 19 trabalhos das décadas de 1970 e 80, de autores como Leon Ferrari, Nina Moraes e Alex Vallauri, foram realizadas ao longo dos últimos meses uma série de discussões entre o público, os artistas e especialistas do MAC e de outras instituições museológicas sobre como restaurar/preservar trabalhos contemporâneos, construídos com materiais extremamente frágeis ou perecíveis.

Mais recentemente tem-se buscado essa reaproximação com os jovens artistas, que se substancia em atitudes como o ciclo *MAC encontra os artistas*, que abre espaço todas as semanas para depoimentos públicos de artistas da nova geração, no auditório da Cidade Universitária. Mais oportunidades também têm sido criadas para jovens estudantes e pesquisadores, na forma de estágios, exposições de trabalho ou assistência curatorial.

Apesar de muitas vezes ser valorizado pelas riquezas modernistas que guarda, o MAC tem, ao longo de sua história, feito jus ao termo contemporâneo agregado a seu nome. Desde seus primórdios, a instituição foi concebida como um “laboratório de experimentações” por Walter Zanini, seu primeiro diretor. Aracy Amaral, que esteve à frente do museu no início dos anos 1980, considera que o compromisso do MAC é “o apoio às novas tendências da arte e ao mesmo tempo de uma busca de atualização de sua coleção” apesar de alertar contra a dificuldade de se atualizar esse acervo – sobretudo no campo internacional – em razão dos preços proibitivos praticados pelo mercado. ■